

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES COM ÊNFASE EM ESPAÇOS HOSPITALARES

Mariana Miranda Francisco¹

Orientadora: Ms. Ellen Maira de Alcantara Laudares²

RESUMO: A temática que perpassa este trabalho é a contação de histórias em ambientes não escolares com ênfase em espaços hospitalares. Justifica-se devido ao fato de que o ato de contar histórias possui a função essencialmente terapêutica pois, por meio da contação de histórias é possível que as crianças ou adolescentes internados em hospitais desenvolvam a criatividade e a imaginação, além de terem suas dores e tristezas amenizadas. Diante deste contexto, este estudo tem por objetivo geral compreender como a contação de histórias no ambiente hospitalar pode se configurar em agente transformador da rotina nesse contexto. E os objetivos específicos se desdobram em: elencar todas as produções acadêmicas com essa temática e categorizar as diferentes estratégias de contação de histórias no ambiente hospitalar. Para tanto, o presente artigo teve como base uma revisão sistemática de literatura e visou buscar subsídios para entender melhor o processo de contação de histórias em ambientes hospitalares. Considera-se, a partir dos resultados obtidos, que os estudos publicados mais recentemente, entre os anos de 2020 a 2021, estão escassos quanto a temática relacionada a contação de histórias no ambiente escolar. Diante disso, é importante considerar a importância dessa literatura para a formação inicial e continuada para a atuação do profissional neste espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias. Literatura em espaços não escolares. Pedagogia Hospitalar.

1 Introdução

A contação de história surgiu antes mesmo da escrita, visto que, ainda no princípio da humanidade, havia a necessidade de repassar a história de cada povo, ensinar os valores e os costumes de cada humanidade de forma oralizada (FARIA et al., 2017). Esse hábito acontecia em volta de fogueiras onde as pessoas se reuniam para ouvirem e aprenderem os costumes daquela comunidade e suas histórias.

Essas histórias, durante anos, foram a única fonte de aquisição e transmissão do conhecimento e acompanharam a vida do homem desde sempre, ocasionando na preservação da cultura. Dessa maneira, a contação de histórias é uma das atividades mais antigas do ser

¹ Formanda em Pedagogia na Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: mariana.francisco@estudante.ufla.br

² Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Docente na rede privada de Ensino Superior. E-mail: ellenlaudares@gmail.com

humano, “formando agrupamentos fortalecidos e comunidades com identidade e origem” (MENDES et al., 2017, p. 1).

Por meio da contação de histórias, as experiências provenientes de uma geração e de uma cultura são expressadas, representando assim, uma atividade comunicativa. Todo o conhecimento era transmitido por meio da fala, antes mesmo do surgimento da escrita. Desse modo, os contadores nasceram com a humanidade e tinham como função discutir fatos, encadear acontecimentos, perpetuar crenças, manter uma tradição além de repassar o conhecimento (FARIA, 2016, p. 3).

Todos reverenciavam e reconheciam o contador de história como aquele que tinha a virtude da sabedoria e a humildade em transmitir os ensinamentos adquiridos e experienciados. É exatamente nesta questão que localizamos o referencial teórico de Walter Benjamin, aclarando para o abismo entre as expectativas puramente utópicas e um passado consumado (PERIUS, 2011).

Nesse sentido, contar a história configura-se no ato de escrever, criar e recriar. Para Benjamin (1994, p. 221), o significado de articular o passado historicamente é “apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo”. Portanto, narrar a história não se trata de enfileirar acontecimentos históricos cronologicamente. Contar a história passa a ser um ato profundamente político, realizado por aquele que dá conta de pequenos e grandes acontecimentos, apresentado por Benjamin (1994) como um modelo do historiador.

Essa arte de contar histórias que perpassa gerações, possui um ato convidativo de reflexão e transformação da própria vida. Essas histórias contadas ou lidas possibilitam a transformação e a cura mas, para que isso aconteça, é necessário ter responsabilidade e sensibilidade para saber contá-las.

Na educação atual, Rodrigues (2011) explicita que o ato de contar e ouvir histórias é extremamente importante na educação infantil, sendo um recurso rico, no qual o professor poderá trabalhar os conteúdos e desenvolver práticas de leitura e escrita.

Os espaços onde essa forma de aprendizagem acontece podem ser divididos em três âmbitos, sendo eles, o espaço de educação formal, o espaço de educação não-formal e os ambientes informais. O ambiente de educação formal são caracterizados pelas instituições que são regulamentadas por leis, como por exemplo, as escolas. Já os não-formais relacionam-se com a história de vidas de seus atores, para além dos muros da escola, sistematizando-se mediante a organizações não governamentais e instituições sociais, a exemplo, os hospitais. E o ambiente informal diz respeito ao comportamento, aos hábitos e a identidade dos indivíduos (GOHN, 2014).

Quanto a contação de histórias nos ambientes não escolares, ou seja, não-formais, Belancieri et al. (2018) mostra que a prática de contação de histórias nesses ambientes já acontece recorrentemente em hospitais, principalmente nas pediatrias. Cursos de Medicina, Pedagogia e Psicologia possuem iniciativas e projetos que agregam essa realidade, mas há estudos (MATOS; MUGIATTI, 2007) de que a prática ocorre também pelos funcionários. O intuito é distrair os pacientes da dor ou tensão causada pelos tratamentos.

As intervenções educacionais nos hospitais iniciaram na segunda metade do século XX na Inglaterra, Estados Unidos e Canadá. Neste período, as crianças de orfanatos e asilos eram expostas a condições precárias e o desenvolvimento emocional delas era violado (OLIVEIRA, 2013).

No Brasil, algumas instituições hospitalares optam por dar maior acessibilidade lúdica para os pacientes internados, tornando esta atividade como uma ferramenta de trabalho diário. Utilizam-se o embasamento na terapia do riso³, uma prática que ganhou visibilidade na década de 60, comprovada pelo médico americano Hunter Doherty Adams (1945).

Segundo Alvarez (2020), a terapia do riso mudou, consideravelmente a história da Medicina, visto que, houve um reconhecimento de que o tratamento humanizado e os momentos que geram felicidade são importantes para a recuperação de pacientes hospitalizados.

Um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido aponta que rir reduz em até 10% a sensação de dor e diminui a produção dos hormônios cortisol e adrenalina, que proporcionados em excesso podem aumentar o risco de diabetes, hipertensão arterial e depressão (ALVAREZ, 2020). Deste modo, a tática utilizada nos enfermos de contar história para distraí-los, torna efetivamente um êxito.

Os estudos sobre contação de histórias são, em sua maioria, relatos de atividades ocorridas em contexto muito específico, sendo assim, os questionamentos levantados nesta pesquisa são: há como sistematizar a eficácia em âmbito regional e nacional? E como a atividade de contação de histórias pode beneficiar crianças hospitalizadas?

O objetivo geral dessa discussão será compreender como a contação de histórias no ambiente hospitalar pode se configurar em agente transformador da rotina nesse contexto. E os objetivos específicos serão: elencar todas as produções acadêmicas com essa temática e categorizar as diferentes estratégias de contação de histórias no ambiente hospitalar.

Para a efetivação dos objetivos propostos, o presente projeto terá como base uma revisão

³ Método complementar a outros cuidados de saúde que tem como objetivo a promoção do bem-estar físico e emocional de pessoas em situação de sofrimento por meio de exercícios e atividades que estimulem o riso (<https://psicologiaviva.com.br/terapia-do-riso/>).

sistemática de literatura, e visa buscar subsídios para entender melhor o processo de contação de histórias em ambientes hospitalares. A revisão sistemática de literatura, será elaborada por meio de seleção artigos que estivessem relacionadas ao tema.

Desse modo o ato de contar histórias possui, dentre outras a função essencialmente terapêutica pois, por meio da contação de histórias é possível que as crianças ou adolescentes internados em hospitais adquira o entendimento do mundo, dos outros e de si mesmo.

2 Revisão teórica

Knoche (2012), abordou o fato de contar histórias como uma função essencialmente terapêutica, já que através da Contação de Histórias é possível que as crianças ou adolescentes internados em hospitais adquiram o entendimento do mundo, dos outros e de si mesmos; com o estímulo da imaginação, os ouvintes são auxiliados em novas descobertas, desenvolvendo o raciocínio lógico e desvendando mistérios. Conseqüentemente, para que os resultados sejam satisfatórios a história deve ser de qualidade, atrativa e de bom gosto.

Giardin et al. (2011), apontam que “devido à sua condição de saúde, pode conviver com práticas dolorosas e vivenciar as dificuldades advindas de sua enfermidade. Todos esses fatores contribuem para quadros de stress, apatia, impaciência, ansiedade, isolamento e tristeza”. Em hospitais, a conexão com o lúdico poderá amenizar os sintomas das doenças de pacientes na Pediatria, a leitura possui um alto potencial para sensibilizá-los e tranquilizá-los, bem como proporcionar endorfina e ajudar na autoestima, afetividade e na aprendizagem. De acordo com Barcellos e Neves (1995, p. 18), “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e, principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento”.

Para Patch Adams (1999), autor do livro “Patch Adams: o amor é contagioso”, recomenda que seja possível mantermos nossa saúde através da alegria, do riso e da gentileza. Por que não passar isso adiante? Por que não transformar isso em corrente do bem e sistematizar em ambientes que requerem esse tipo de emoção?

A criatividade tem um poder mágico quando estamos visitando um doente. Os pacientes normalmente ficam felizes ao receber visitas. Neste momento vulnerável, eles ficam gratos pelos seus esforços e atenção. É uma ótima ocasião para sermos criativos o quanto pudermos (ADAMS, 1999, p. 45).

Para a consecução dos objetivos propostos, este estudo foi dividido em quatro partes sendo: o primeiro capítulo sobre a contação de histórias no qual vai descrevemos todo o

percurso histórico dessa estratégia, além de evidenciar suas características principais. No segundo capítulo será abordado sobre o atendimento hospitalar com um panorama geral desse contexto; o terceiro capítulo será destinado ao uso de histórias em espaços hospitalares; e o último capítulo quatro será realizado a análise e discussão dos dados, nos quais serão discutidos sobre os trabalhos analisados a respeito da temática em questão.

2.1 A contação de histórias

A arte de contar histórias é uma prática feita desde a antiguidade, antes mesmo do surgimento da escrita, quando as pessoas utilizavam do recurso oral para ensinar os valores, costumes, mitos e crenças da comunidade, passando de geração a geração (FARIA et al., 2017). Essas histórias tinham variadas funções, dentre elas, a de proteção, principalmente às crianças. Algumas lendas contadas na época, protegiam as crianças dos perigos da mata, impedindo-as de se afastar muito de sua casa. Segundo Ribeiro (2010, p. 7), “não há nesse mundo um só povo que não tenha suas histórias, elas são uma necessidade do ser humano por serem um elo que une as pessoas”. A partir do momento que o homem sentiu a necessidade de contar aos outros algumas experiências suas, nasceu as histórias.

A contação de histórias é uma das atividades mais antigas do ser humano, “formando agrupamentos fortalecidos e comunidades com identidade e origem” (MENDES et al., 2017, p. 1). Essas histórias, durante anos, foram a única fonte de aquisição e transmissão do conhecimento e acompanharam a vida do homem desde sempre, ocasionando na preservação da cultura.

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através dos que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar (KAERCHER, 2001, p. 83).

Por meio da contação de histórias, as experiências provenientes de uma geração e de uma cultura são expressadas, representando assim, uma atividade comunicativa. Todo o conhecimento era transmitido por meio da fala, antes mesmo do surgimento da escrita. Desse modo, segundo Faria (2016), os contadores nasceram por meio do diálogo existente na humanidade e tinham como função discutir fatos, encadear acontecimentos, perpetuar crenças, manter uma tradição além de repassar o conhecimento.

Quanto a sua caracterização, os textos utilizados para a contação de histórias possuem uma estrutura fixa. Ou seja, possuem um problema inicial, o desenvolvimento, sendo a busca por soluções para o problema e a restauração da ordem, que acontece no final da narrativa. A exemplo dessa estrutura, Bettelheim (2002) cita as estórias de fadas:

Por exemplo, muitas estórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai. Nestes contos a morte do progenitor cria os problemas mais angustiantes, como isto (ou medo disto) ocorre na vida real. Outras estórias falam sobre um progenitor idoso que decide que é tempo da nova geração assumir. Mas antes que isto possa ocorrer o sucessor tem que provar-se capaz e valoroso (BETTELHEIM, 2002, p. 14).

Entretanto, depois que os sistemas de escrita surgiram, esse método de contar histórias foi perdendo espaço e houve uma separação entre a cultura erudita/instruída e a popular/leiga. Faria et al. (2017) ressalta que essa cultura de se reunir em volta de fogueiras para ouvir histórias antigas, lendas, contos, começou a ser visto como algo simples, não possuindo valor algum no sentido intelectual.

Assim entendido, antes da escrita, os saberes da humanidade eram transmitidos por meio da oralidade e, à medida que o falar se tornou insuficiente para expressar e manifestar a cultura de uma sociedade, o homem começou a pensar em materiais palpáveis que organizassem o conhecimento adquirido, isto é, a escrita. Dessa forma, a oralidade materializou-se trazendo consigo a necessidade da leitura em um determinado suporte, decorrendo que as histórias foram narradas a partir de um texto escrito, causando impacto positivo entre os ouvintes, posto que a qualidade dos escritos era melhor elaborada e a multiplicidade dos textos tornou-se mais socializada (SCHERMACK, 2012, p. 01).

A contação de histórias voltou a ser reconhecida, após o advento das artes, que de um modo geral também foram valorizadas, em geral ganharam seu valor. Essa arte de contar histórias que perpassa gerações, possui um ato convidativo de reflexão e transformação da própria vida. Essas histórias contadas ou lidas, possibilitam a transformação e a cura, mas, para que isso aconteça, é necessário ter responsabilidade e sensibilidade para saber contá-las.

Por ser uma atividade fundamental na transmissão de conhecimentos e valores, a contação de histórias é imprescindível para a formação e desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. “O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor” (PENNAC, 1993, p. 124).

Ao contar uma história para uma criança, estará possibilitando em um caminho

absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo, despertando sua imaginação, emoção e o fascínio da escrita e da leitura. Nessa direção, o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.

Nessa direção, quando a criança se encontra fragilizada em alguma área de sua vida, esses aparatos lúdicos possibilitados por meio da contação de histórias podem ajudar a amenizar todo esse processo. Nesse contexto, no próximo capítulo, apresentaremos algumas considerações gerais sobre o atendimento hospitalar.

2.2 Atendimento hospitalar

As primeiras experiências de intervenção escolar em hospitais ocorreram na França em 1935 (VASCONCELOS, 2005). Logo, o atendimento à criança hospitalizada cresceu suscetivelmente após a Segunda Guerra Mundial, quando alguns países da Europa receberam como decorrência cruel deste conflito, crianças mutiladas e com doenças contagiosas como a tuberculose. A ação educativa em âmbitos hospitalares mais antiga no Brasil ocorre desde 1950, no Rio de Janeiro, Hospital Municipal Jesus.

Essa regulamentação vai ao encontro da Constituição Federal de 1988, no qual estabelece que a educação é um direito de todos e para todos (TAVARES; FAGUNDES, 2019). Nesse viés, algumas leis foram criadas com a temática referente às crianças e adolescentes hospitalizadas, quais sejam, o Decreto-Lei nº. 1044, de 21 de outubro de 1969 que considera merecedores de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agudizados (BRASIL, 1969) e a Lei Federal nº. 6.202, de 17 de abril de 1974, na qual atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências (BRASIL, 1974).

Segundo Tavares e Fagundes (2019), as Políticas Públicas Educacionais propuseram ações que fossem estabelecidas para além dos espaços escolares tradicionais, como por exemplo: a escola. Dessa forma, os hospitais também foram definidos como centros educacionais que teriam que organizar o atendimento educacional aos alunos que não poderiam frequentar às aulas, devido aos problemas de saúde. Esse atendimento hospitalar – A educação hospitalar - vai além de uma proposta educacional tradicional, mas, objetiva um atendimento psíquico e social articulado ao pedagógico.

A principal função do pedagogo no contexto hospitalar desdobra-se em reintegrar “[...] a criança ou o adolescente ao seu contexto social, tirando-os de sua condição de isolamento e doença, e inserindo-os em suas atividades escolares, juntamente à participação de seus familiares” (TAVARES; FAGUNDES, 2019, p. 21).

Nesse momento, é importante descrever as políticas públicas e leis que amparam o atendimento em espaços não formais. Parte-se do artigo 6º da Constituição Federal que garante o direito à educação a todo o cidadão, sendo dever do Estado (BRASIL, 1988). Tratando-se dos atendimentos em espaços não formais, existem um amparo legal realizado por normatizações que garantem os direitos aos indivíduos vinculados a esses espaços.

A primeira lei descrita é o Decreto-Lei de nº. 1044, de 21 de outubro de 1969, no qual evidencia as formas de atendimento escolar quando o aluno é impossibilitado de frequentar a escola regular. As autoras Menezes; Trojan; Paula (2020), também trazem em seus estudos a Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975 que concede às estudantes grávidas o direito de realizar as atividades em domicílio.

No ano de 1995, é instituído pela Resolução nº 41, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA, vinte direitos da criança e do adolescente hospitalizado (BRASIL, 1995). O art 9º, em específico, estabelece “direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para saúde, acompanhamento do curriculum escolar, durante sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995).

Segundo Menezes, Trojan e Paula (2020), no ano de 2008 o governo lançou a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), que caracteriza as classes hospitalares e o atendimento pedagógico domiciliar. As autoras apresentam o Parecer CNE/CEB nº 13 de 2009, que institui a aprovação do Decreto Presencial nº 6.571/2008, no qual reafirma a a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Além disso, o Parecer apresenta orientações referentes ao ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) junto aos sistemas de ensino (MENEZES; TROJAN; PAULA, 2020). Segundo as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (BRASIL, 2008), o atendimento educacional especializado - AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Os alunos com deficiência física, intelectual, visual, auditiva, múltiplas, transtornos do espectro autista (TEA) e também alunos com altas habilidades / superdotação são público-alvo do Atendimento Educacional Especializado.

Após a criação do Atendimento Educacional Especializado (AEE), compreende o

atendimento de crianças e/ou adolescentes considerados com necessidades educativas especiais que sucede a dificuldades no acompanhamento das atividades curriculares. Entretanto, o objetivo deste atendimento especializado prevê propiciar o acompanhamento curricular do aluno quando este estiver hospitalizado, garantindo uma manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado.

O AEE foi criado para atender as crianças com deficiência, transtorno espectro autismo, altas habilidades e superlotação, é um serviço que apoia a sala de aula, para que se ofereçam meios que efetive o aprendizado dos estudantes, havendo diagnóstico médico ou não. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p. 10).

Para que o Atendimento Educacional Especializado se efetive, é necessário superar velhas práticas e implementar uma nova concepção do suporte pedagógico especializado, Segundo Oliveira (2013):

E é nisto que a escola deve centrar sua atenção: como se podem criar possibilidades de aprendizagem no contexto escolar, interpondo uma substancial mudança de foco, onde as dificuldades não são aprendidas simplesmente como fatores inerentes à condição biológica, mas como, também, provenientes das limitações do contexto social, no caso, escolar (OLIVEIRA, 2013, p. 18).

Nos espaços hospitalares, a didática do professor precisa ser organizada em relação a todo o contexto instaurado. De acordo com Tavares; Fagundes (2019), o pedagogo que atua nos ambientes hospitalares, precisa desempenhar uma ação multidisciplinar, ou seja, trabalhar em parceria com os profissionais de saúde que já atuam no local. Nesse viés, a Contação de Histórias pode ser tida como um interlocutor, um instrumento mediador no encontro entre profissional de saúde e paciente, facilitando a interação.

2.3 A contação de histórias em espaços hospitalares

A literatura infantil, enfatizando a contação de histórias, funciona como uma atividade multidisciplinar, quando realocada para um ambiente não-escolar, como o caso dos hospitais. Esse tipo de atividade, proporciona aos pacientes uma melhor qualidade de vida, perpassando pelos princípios de humanização hospitalar. Segundo Germann (2015), o significado da

literatura infantil no âmbito hospitalar é alterado em uma proporção ainda maior, pois, além de inserir a criança no contexto de escola, supre também a necessidade de amenizar o sofrimento pela hospitalização.

A criança quando afastada da escola, da família e dos amigos se encontra vulnerável e carente e as histórias funcionam como uma ferramenta de alívio para todos os seus medos e inseguranças que circulam sobre ela nesse momento delicado. Esses momentos descontraídos, segundo Germann (2015) possibilita a criança um contato com os livros, interação com outras crianças e momentos de sonho e magia. “A literatura estimula a memória e melhora a capacidade de guardar informações de forma organizada, ligando os sonhos com a vida real. Através das histórias é possível explicar atitudes e posicionamentos importantes para o desenvolvimento da criança” (GERMANN, 2015, p. 10). Para Silva e Nunes (2014), a hospitalização:

[...] causa medo e sofrimento, muitas vezes intensos, que podem afetar a integridade emocional dos pacientes e dos familiares. O enfadonho período de internação hospitalar é um dos piores acontecimentos para uma criança, pois além de afastá-la de sua família e escola, também torna distante o contato com o seu íntimo imaginário. Os pacientes internados ficam muito tempo ansiosos com o tratamento, além do tédio e a inquietação por conta do tempo ocioso. As histórias inseridas neste contexto têm como objetivo aliviar a ansiedade do período do internamento, além de incentivar a reflexão da realidade por meio da leitura de gêneros diversos (SILVA; NUNES, 2014, p. 2).

Levando em consideração essa característica importante da contação de histórias, na qual poderá ser utilizado como metodologia de ensino, propiciando no desenvolvimento dos alunos de sua personalidade, melhorando assim, seu desempenho acadêmico. Segundo Mendes et al. (2017), as experiências infantis são enriquecidas, bem como a linguagem desenvolvida, sendo que seu vocabulário é ampliado. Além disso, a contação de histórias possibilita a formação do caráter e da confiança da criança, proporcionando a viver o imaginário.

A contação de histórias proporciona um acolhimento e atenua os desconfortos advindos da internação hospitalar, além disso, aproxima o paciente aos estudos. As crianças que se encontram hospitalizadas tem a possibilidade de dar continuidade aos estudos ou até mesmo, ter o primeiro contato com a educação formal. Esse contato com os livros e com as histórias propicia a comunicação e a convivência, criando vínculos e aproximação com a imaginação, o que é de suma importância para o desenvolvimento do infante.

A contação de histórias possibilita o desenvolvimento das crianças e despertam o encanto, o prazer e a imaginação, além de aproximação do real por meio das fantasias. Por meio da escuta de textos, as crianças despertam o gosto pela leitura, pelos livros e pela aprendizagem. Mendes et al. (2017) ressalta que a contação de histórias incentiva a imaginação, a leitura, a ampliação repertório cultural das crianças e o desenvolvimento cognitivo. Acredita-se também, que “a contação de história pode interferir positivamente para a aprendizagem significativa, pois o fantasiar e o imaginar antecedem a leitura” (MENDES et al., 2017, p. 32). Segundo Cardoso (2016),

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador da criança (CARDOSO, 2016, p. 08).

A contação de histórias atua na formação e na aprendizagem do aluno. Ao entrar em contato com a história, a criança aguça sua imaginação e desenvolve sua criatividade.

3 Metodologia

O presente projeto teve como base uma revisão sistemática de literatura, e visou buscar subsídios para entender melhor o processo de contação de histórias em ambientes hospitalares. A revisão sistemática de literatura, foi elaborada por meio de seleção artigos que estivessem relacionadas ao tema. Dando o suporte necessário para agregarmos conhecimentos à busca de caminhos possíveis subsidiar a leitura nos espaços não escolares (GALVÃO; RICARTE, 2020).

Para a realização deste trabalho foi elaborado um protocolo de pesquisa (VIEIRA, 2021), e partindo do objetivo de entender melhor a contação de histórias no âmbito hospitalar, elaboramos a seguinte questão norteadora: Como a atividade de contação de histórias pode beneficiar crianças hospitalizadas?

Deste modo, os recursos e estratégias para busca e seleção de estudos, foram definidos e selecionados com base em cinco itens: I) Fonte de busca através do Google Acadêmico; II) Idioma em português; III) Descritores: “contação de histórias”; “espaços não escolares”; “pedagogia hospitalar”; IV) Data de publicação entre 2020 a 2021, devido ao fato

de se pretender analisar o período em que o ensino encontrava-se em fase de implementação do ensino híbrido, em razão da pandemia de covid-19, e os impactos da doença em possíveis internações de crianças e as contações de histórias ocorridas nesses espaços. Foram encontrados 13 trabalhos. Destes, a critério de seleção por correspondência, selecionou-se artigos, dissertações e teses a partir do título e resumo que tratavam da contação de histórias nos ambientes hospitalares. Como critério de exclusão, artigos repetidos ou que não eram condizentes com a temática, encontrando-se um total de 10 produções, que foram analisadas sob a perspectiva da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016).

4 Análise e Discussão dos dados

Neste momento do trabalho será apresentado, por meio de dados tabulados, os números de trabalhos publicados nos últimos 2 anos, compreendendo de 2020 a 2021, com os descritores “contação de histórias”, “espaços não escolares” e “pedagogia hospitalar”, identificando a trajetórias de estudos e pesquisas vinculadas ao tema. Nessa seção é apresentado e interpretado os dados coletados na pesquisa da plataforma Google Acadêmico, de acordo com a metodologia apresentada, para se conhecer as contribuições desse estudo. Aqui está concentrado as informações obtidas e suas respectivas discussões.

Os dados foram coletados e analisados de uma maneira objetiva de forma a desenvolver e responder a fundamentação teórica, a problemática e os objetivos desse trabalho.

Tabela 1 – Descrição dos trabalhos encontrados na pesquisa

Título	Autor	Ano
Pedagogia Hospitalar, Um Novo Desafio Para o Profissional da Educação	de Gonçalves da Silva Nahime et al.	2021
Contações da Pedagogia nos campos do saber	Marques	2021
Reinventar a prática a experienciada pedagogia no estágio da upa durante a pandemia	Pinheiro de Lima Ferreira et al.	2020
Pedagogia hospitalar: reflexões sobre um novo campo de atuação para o pedagogo	Vanessa Cantoni Carniel	2021

Formação inicial do pedagogo para o atendimento educacional hospitalar: como ocorre na UFC?	Robéria Vieira Barreto Gomes et al.	2021
A importância do trabalho do pedagogo hospitalar junto a equipe multidisciplinar	Ludmila Kely de Jesus Waldirene Aparecida Rosa	2020
Formação do pedagogo para atuação em espaços não escolares: um estudo de caso	e Oliveira dos SantosGonçalves	2021
As instituições não escolares em ASSÚ/RN e suas ações educativas	Alcides Leão Santos Júnior	2020
Recreação hospitalar e o papel do pedagogo	Margarida Vargas Silveira	2020
Pedagogia hospitalar: revisão integrativa de pesquisas Qualitativas	Miriã Martins de Metadata Brito	2020

Fonte: a autora (2021).

De acordo com a tabela 1, ao realizar a busca com os descritores relacionados, resultaram-se em 10 artigos que tratavam das temáticas contação de histórias, espaços não-escolares e ambientes hospitalares. Observou-se a escassez de trabalhos científicos abordando a temática contação de histórias como estratégia durante o processo de hospitalização infantil, principalmente nos anos atuais de 2020 e 2021. A seguir, consoante com a imagem 1, será evidenciado as principais temáticas abordadas em cada artigo e sua semelhança.

Imagem 1 – Relação de temáticas abordadas em cada artigo analisado

	Atuação Profissional	Formas de ensino / práticas	Formação inicial	Produção Científica	Hospitalização/Pedagogia Hospitalar	Pediatria	Disciplinas e projetos de extensão	Equipe multidisciplinar	Educação não escolar (ENE)	Classe hospitalar/Atendimento Pedagógico/Recuperação dos escolares	Atividades lúdicas e atividades	Pandemia	Conhecimento teórico e prático/ Multiquificação	Educação Social	Pesquisas Qualitativas	Estágio	Dificuldades
Pedagogia Hospitalar, Um Novo Desafio Para o Profissional da Educação (NAHIME et al., 2021).	X				X					X							
Contribuições da Pedagogia nos campos do saber (MARQUES, 2021).	X				X						X						
Reinventar a prática a experiência da pedagogia no estágio da upa durante a pandemia (FERREIRA et al., 2020).		X				X						X				X	
Pedagogia hospitalar: reflexões sobre um novo campo de atuação para o pedagogo (CARNIEL, 2021)	X				X					X							X
Formação inicial do pedagogo para o atendimento educacional hospitalar: como ocorre na UFC? (GOMES et al., 2021)			X				X						X				
A importância do trabalho do pedagogo hospitalar junto a equipe multidisciplinar (JESUS; ROSA, 2020)	X							X		X							
Formação do pedagogo para atuação em espaços não escolares: um estudo de caso (GONÇALVES, 2021)			X						X				X				
As instituições não escolares em ASSU/RN e suas ações educativas (JÚNIOR, 2020)		X							X					X			
Recreação hospitalar e o papel do pedagogo (SILVEIRA, 2020)	X					X					X						
Pedagogia hospitalar: revisão integrativa de pesquisas Qualitativas (BRITO, 2020)				X	X										X		

Fonte: a autora (2020).

Diante dos resultados apontados pela imagem 1 é possível evidenciar que os autores Nahime et al. (2021), Marques (2021), Carniel (2021), Jesus e Rosa (2020) e Silveira (2020) abordam sobre a atuação profissional nos espaços não formais, em destaque os hospitais. Nahime

et al. (2021), também traz em seus estudos sobre a hospitalização e a classe hospitalar que vão ao encontro dos estudos dos autores Marques (2021), Carniel (2021) e Brito (2020).

Com relação às formas de ensino, bem como às práticas educativas, Ferreira et al. (2020) e Júnior (2020) abordaram sobre as temáticas. Enquanto que Gomes et al. (2020) e Gonçalves (2020) trouxeram em seus estudos a importância da formação inicial para atuação nos espaços não formais de educação.

Os estudos dos autores Gonçalves (2020) e Júnior (2020) trazem conceitos sobre a Educação não escolar (ENE) e sobre as instituições não escolares e, nessa mesma direção, Nahime et al. (2021), Carniel (2021) e Jesus; Rosa (2020) conceituam e explicitam sobre a Classe hospitalar, o Atendimento Pedagógico e a Recuperação dos escolares. Os autores Ferreira et al. (2020) e Silveira (2020) trazem, em específico, a atuação no espaço da pediatria.

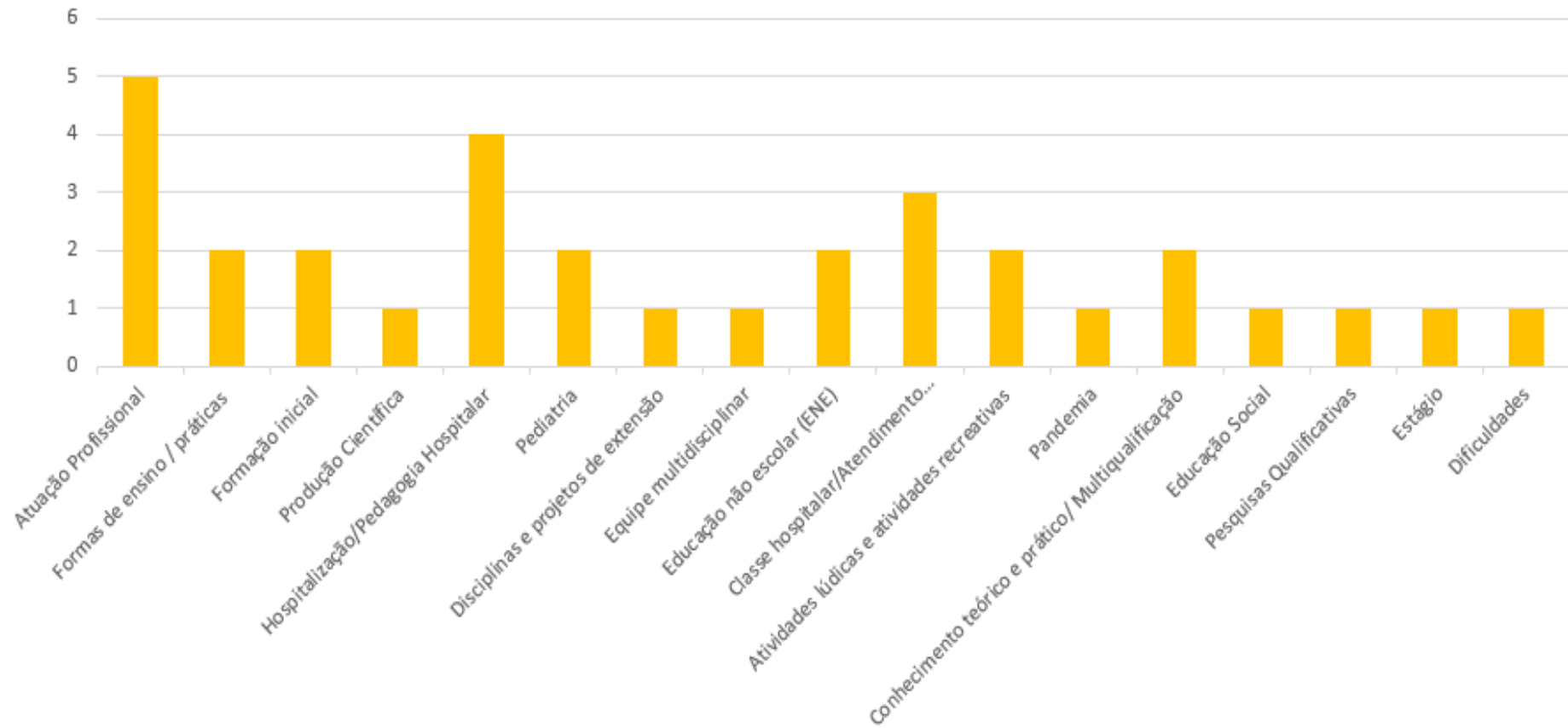
Sobre os recursos disponíveis para viabilizar o trabalho, Marques (2021) e Silveira (2020) mostram como que as atividades lúdicas e as atividades recreativas são importantes para o ensino e aprendizagem dessas crianças, enfocando na leitura e contação de histórias.

Brito (2020), Gomes et al (2021) e Gonçalves (2021) atribuem um caráter mais teórico em suas pesquisas e trazem estudos sobre a produção científica na área, as disciplinas e os projetos de extensão, o conhecimento teórico e prático, a multiquificação e as pesquisas qualificativas.

Outros conceitos importantes que aparecem nos estudos foram sobre a equipe multidisciplinar (JESUS; ROSA, 2021), educação Social (JÚNIOR, 2020), estágio e principais dificuldades (FERREIRA et al., 2020) e sobre a pandemia em um contexto bem atual e importante do autores Ferreira et al. (2020).

Para sistematizar e tabular os dados acima apresentados, segue abaixo a imagem 2 que evidencia, em números, a relação entre as temáticas e os artigos encontrados:

Imagem 2 – Relação, em números, das temáticas de acordo com os artigos analisados



Fonte: a autora (2021).

5 Considerações Finais

Reportando-se ao objetivo deste trabalho que foi compreender como a contação de histórias no ambiente hospitalar pode se configurar em agente transformador da rotina nesse contexto e também elencar todas as produções acadêmicas com essa temática e categorizar as diferentes estratégias de contação de histórias no ambiente hospitalar, foi realizada uma revisão sistemática de literatura para que as indagações, bem como os objetivos fossem alcançados.

Os resultados mais expressivos da análise dos dados foram em relação a atuação profissional e a pedagogia hospitalar, ou seja, mostram sobre a atuação do pedagogo junto a crianças impossibilitadas de frequentar a escola devido a internações ou tratamentos de saúde. Infelizmente, alguns alunos precisam se afastar da escola para serem submetidos à tratamentos de saúde, contudo, ainda possuem o direito a educação.

Considera-se também, que alguns dos textos analisados abordaram sobre a formação do profissional, seja ela inicial ou continuada, o que é importante para a atuação nas instituições hospitalares. Esses profissionais precisam ser formados de modo a aplicarem as metodologias específicas neste cenário hospitalar. Sobre essas metodologias, os textos trazem as atividades lúdicas e também as atividades recreativas, como possibilidades de práticas pedagógicas.

A contação de histórias entra como um subtema das atividades lúdicas, mas não encontramos textos que falassem especificamente dela, o que nos leva a refletir sobre a ausência de materiais recentes que abordam a contação de histórias nos hospitais. Considera-se que essa prática é de suma importância, visto que amenizam, de certa forma, a tristeza e até mesmo a dor decorrente dos momentos difíceis que o aluno está passando.

No decorrer da análise, um fato que chamou a atenção foi o estudo que mostrava a reinvenção da prática e da experiência da pedagogia, enfocando no estágio, durante a pandemia, visto que, com o aparecimento desse novo vírus, o Sars-cov2, grandes prejuízos econômicos, sociais, educacionais e de saúde, têm sido causados em todo o mundo. As escolas tiveram que fechar suas portas e tiveram que reinventar sua prática. Além disso, o público hospitalar aumentou significativamente, o que nos leva a exprimir da importância da pedagogia hospitalar e das práticas pedagógicas nos ambientes não escolares.

Por fim, é evidente a escassez de estudos publicados, recentemente, sobre a temática. Dessa forma, é importante o desenvolvimento de uma formação inicial e continuada efetiva, seja para atuação na escola, seja para os espaços não escolares. Os

estudos teóricos, reflexivos e críticos precisam passar pela atuação do pedagogo, a fim de criar estratégias inovadoras que irão proporcionar um melhor desenvolvimento de seu aluno. E, no espaço hospitalar, não é diferente e ainda tem um agravante que é a questão relacionada com a saúde, o que requer do professor estratégias adequadas para aplicar aos pacientes.

E, de acordo com todo o estudo teórico realizado neste trabalho e, posteriormente, diante das análises da literatura, considera-se que as atividades lúdicas, que passem a contação de histórias, embora não apareçam com tanto destaque nos textos analisados, são extremamente importantes para a recuperação da criança e do adolescente internados.

Referências

ALVAREZ, Victória. **Terapia do riso**. Grapi. 2020. Disponível em: <<https://grapicuidadores.com.br/2020/08/03/terapia-do-riso-d/>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

ADAMS, Patch. **Patch Adams: o amor é contagioso**. Ilustrações de Jerry Van Amerongen; tradução Fabiana Colasanti. – Rio de Janeiro: Sextante, 1999. 158 p.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **A Hora do Conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995. 136p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELANCIERI, Maria Fatima et al. Pedagogia hospitalar: intervenções na unidade pediátrica a partir da contação de histórias. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 39, n. 1, p. 53-64, jan./jun. 2018.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e História da Cultura**. (Trad: Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio: Jeanne-Marie Gagnebin). São Paulo: Brasiliense, 1994. pp.222-232.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil**. 2016. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO->

ANA-LUCIA-SANCHES.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

FARIA, Inglide Graciele de et al. **A influência da contação de histórias na Educação Infantil**. Mediação, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.- dez, 2017.

FARIA, Moacir Alves de. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 07, p. 01, 2016.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, set.2019/fev. 2020.

GERMANN, Dhenifer da Silva. **A contação de histórias para crianças hospitalizadas do hospital da criança Conceição (HCC)**. Porto Alegre: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, 2015. 18 p.

GIARDIN, A. R. dos S. B. et al. Contação de histórias em enfermaria pediátrica: leitura, aprendizagem e entretenimento. **Revista Ciência em Extensão**, v. 7, p. 166-167, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115323>>. Acesso em: 27 set. 2021.

GOHN, Maria da Glória. Educação Nao Formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, v. 1, p. 35-50, 2014. Disponível em: <<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. E Por Falar em Literatura. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

KNOCHE, Liège Maria Martins. Contar, ler e brincar: a importância da contação e da leitura de histórias aliadas ao lúdico como agentes transformadores da rotina hospitalar. **Revista ACB**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 576-598, set. 2012. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/871>>. Acesso em: 27 set. 2021.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MENEZES, C., TROJAN, R., & PAULA, E. O direito à educação no atendimento escolar hospitalar e domiciliar: inquietações conceituais e legais. **Educação**. v. 45(1), 2020, p. 1-25.

MENDES, C. A. et al. A importância de contar história na educação infantil. In: IV - Fórum de Pesquisa Científica e Tecnológica de Ponte Nova, 2017, PONTE NOVA. **Anais do IV - Fórum de Pesquisa Científica e Tecnológica de Ponte Nova**. Recife: EVEN3, 2017. v. IV. p. 28-35.

OLIVEIRA, A. A. S. Deficiência Intelectual: os sentidos da cultura, da história e da escola. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem na área da Deficiência Intelectual** – Ciclo II do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT, 2013.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERIUS, Oneide. **A filosofia como exercício**: Walter Benjamin e Theodor W. Adorno. 2011. 238f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:
<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3550/1/000434159-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

RIBEIRO, Elisa. **A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem na educação infantil**. Monografia (Pós Graduação Lato-Sensu Gestão Pedagógica em Educação Infantil e Anos Iniciais) - Centro de Pós Graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade Tuiuti do Paraná – Curitiba, 2010.

RODRIGUES, Jaqueline Lira. **Contação de histórias na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011, 46f.

SCHERMACK, Keila de Quadros. **A contação de histórias como arte performática na era digital**: convivência em mundos de encantamento. 2012. Disponível em:
<<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilasshermack.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2021.

SILVA, Maria F. R. M.; NUNES, Vera, R. B. Era uma vez no hospital: contação de histórias. **Revista Intercâmbio**, 2014. Disponível em
<http://2014.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1003/1291/2103.pdf>. Acesso em 21 nov. 2021.

TAVARES, Josiele Vita da Silva; FAGUNDES, Simone Maria Vilas Boas. **A importância do pedagogo na educação hospitalar um olhar sobre as práticas e ações pedagógicas neste contexto** . 2019. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia Licenciatura Plena)-Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019.

VASCONCELOS, Sandra. Classe Hospitalar no mundo: um desafio à infância em sofrimento. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 57, Fortaleza, 2005. **Anais...** Reunião anual da SBPC, 57, Fortaleza. 2005. Disponível em:
<http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/sandramaiahospitalar.htm> Acesso em: 21 nov. 2021.

VIEIRA, E. A. O. Revisão sistemática. In: MARTINS, Ronei Ximenes (org.). **Metodologia de pesquisa**: orientações com ênfase na área de educação. Lavras: UFLA, 2021.